

GÊNEROS TEXTUAIS ACADÊMICOS: O QUE DIZEM OS DISCENTES DO CURSO DE LETRAS?

Anderson Diógenes de Assis Dantas¹

Célia Maria de Medeiros²

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo – no campo dos gêneros textuais acadêmicos, realizada com discentes do 1º e 7º períodos do Curso de Letras – Licenciatura Plena em Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no Centro de Ensino Superior do Seridó - *campus* de Currais Novos, no ano de 2011. A análise dos dados demonstrou que os discentes do 1º período desconhecem e sentem dificuldades quando são solicitados a produzirem gêneros acadêmicos. Do contrário, os discentes do 7º período já apresentam teoria e prática no que se refere à elaboração de tais gêneros, o que nos revela um significativo trabalho dos professores da disciplina Leitura e Produção de Texto.

Palavras-Chave: Gêneros acadêmicos. Curso de Letras. Produção textual.

ABSTRACT: This article presents the results of a qualitative, descriptive search – in the field of academic textual genres, realized with 1st and 7th degrees of Literature undergraduate course - Portuguese Language Licensing, of Federal University of Rio Grande do Norte, in Seridó's Superior Teaching Center – Currais Novos *campus*, in 2011 year. Data analysis demonstrated that 1st degree students don't know and feel difficulties when are solicited to produce academic genres. Unlikely, 7th ones already have theory and practice on the elaboration of that genres, and this reveals a significant work from teachers and Text Reading and Producing discipline.

KEYWORDS: Academic genres. Literature Undergraduate Course. Textual production.

¹ Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Especialista em Linguística e Ensino da Língua Materna, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. andersondantasrn@hotmail.com UFRN/CERES

² Mestre e doutoranda pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PpgEL. Professora de Leitura e Produção de Texto/Língua Portuguesa do Centro de Ensino Superior do Seridó – UFRN. celiamariademedeiros@yahoo.com.br UFRN/CERES

1 INTRODUÇÃO

Este artigo aborda de forma responsiva a temática dos gêneros textuais acadêmicos. Para tanto, tomaremos como base as teorias de Bakhtin (2003), Rojo (2005), autores da área de gêneros e estudos da linguagem.

Bakhtin (2003) chama a atenção no que diz respeito ao emprego da língua através de enunciados orais e escritos, que são concretos e únicos, falados pelos seres humanos em diversos setores da sociedade, (esferas diferenciadas) da oralidade. Segundo o autor, esses enunciados irão refletir todas as condições de determinado lugar, tendo em vista a sua finalidade e também o tipo de material linguístico que é interligado a fatores culturais e sociais.

Do ponto de vista dos gêneros acadêmicos, não podia ser diferente, à medida que os discentes do curso de Letras, ao interagirem em sala de aula, acabam construindo esses enunciados orais e escritos, moldam os seus discursos para em seguida aprofundarem a sua escrita e produzirem os gêneros textuais, solicitados pelos docentes na academia de acordo com o conhecimento científico e as correntes teóricas trabalhadas nas mais variadas disciplinas.

Os alunos pesquisados do curso de Letras, no 1º período, tendo em vista que são vindos recentemente do ensino médio, recebem os conhecimentos sobre esses gêneros, como eles desenvolvem e como interpretam, através do conhecimento prévio que eles apresentam. Já os alunos do 7º período, também sujeitos colaboradores da pesquisa, demonstram avanço na interpretação e elaboração textual acerca dos gêneros acadêmicos, uma vez que estão em contato com esses gêneros há mais tempo e encontram-se em fase de conclusão do curso.

2 ASPECTOS TEÓRICOS

2.1 Gêneros textuais: algumas considerações

Dentro do campo dos estudos de gêneros do discurso, segundo Bakhtin (2003, p. 262), “Cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), nos quais devemos incluir as breves réplicas do diálogo do cotidiano [...]”. Nessa afirmação do autor fica evidente que os gêneros de caráter discursivo fazem parte das conversas do dia-a-dia da sociedade e de outras formas de interação verbal. Para tanto, segundo Bakhtin (2003, p. 263):

Não se deve, de modo algum, minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a dificuldade daí advinda de definir a natureza geral do enunciado. Aqui é de especial importância atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e os secundários (complexos) [...]

Bakhtin (2003) ainda classifica esses gêneros de forma a identificar nessa teoria diferenças entre eles. Segundo ele,

A diferença entre os gêneros primário e secundário (ideológicos) é extremamente grande e essencial, e é por isso mesmo que a natureza do enunciado deve ser descoberta e definida por meio da análise de ambas as modalidades; apenas sob essa condição a definição pode vir a ser adequada à natureza complexa e profunda do enunciado (e abranger as suas facetas mais importantes); [...] (Ibid., 2003, p. 264).

Por esse ponto de vista compreendemos que se torna importante notar que para estudar as diferenças entre os tipos de gêneros, temos que proceder a uma análise linguística e termos consciência que toda oralidade ou escrita perpassa pelo viés da interação, e pela realidade onde ambos estão inseridos. O autor ressalta em sua obra a diferença que existe entre os gêneros primários e os secundários. Os primários são integrantes dos gêneros secundários complexos, se transformando e adquirindo uma identidade especial perdendo o contato real com a realidade concreta e o discurso do outro. Já os secundários complexos se caracterizam como: romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.).

Implica nos dizer que quando falamos interligamos nosso discurso à fala do outro, e que se torna impossível haver uma interação sem que várias pessoas enunciem e que um novo enunciado aconteça em um enunciado anterior. Bakhtin ainda chama a atenção para outra característica:

Cada enunciado isolado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. Ele tem limites precisos, determinados pela alternância dos sujeitos do discurso (dos falantes), mas no âmbito desses limites o enunciado, como a mônada de Leibniz, reflete o processo do discurso, os enunciados do outro, e antes de tudo os elos precedentes da cadeia (às vezes os mais imediatos, e vez por outra até os muito distantes – os campos da comunicação cultural). (Ibid., 2003, p. 299).

Ao enunciar, cada falante se torna importante dentro do processo de comunicação, pois sua oralidade é única e seu enunciado é individual, mais que do ponto de vista sócio- interacional seu discurso se molda ao falar do outro, construindo novos discursos e que as vezes refletem a natureza da cultura de cada esfera social.

São várias as visões teóricas para os gêneros textuais, dentre elas, Rojo (2005) salienta que já existe um dialogo realizado pela perspectiva bakhtiniana com outras correntes de estudo dentro da linguística. Segundo Rojo (2005, p. 186-187):

A confrontação da perspectiva bakhtiniana com outras perspectivas não muito conflitantes não tem sido preocupação só da LA. Autores ligados à análise da conversação, à linguística textual e ao interacionismo sociodiscursivo também têm investido nessa reflexão. Em geral, esses trabalhos apresentam não só um diálogo com a obra bakhtiniana – mais ou menos afinado – como também se preocupam em diferenciar – aproximando-os ou distanciando-os – gêneros textuais de gêneros discursivos.

Rojo (2005, p. 206) traz outra afirmação interessante, de que,

[...] se para o lingüista, o pesquisador ou analista de textos, a escolha entre as diferentes teorias vai depender somente de suas finalidades, de suas questões de pesquisa e de sua ideologia, sendo as diferentes teorias igualmente válidas, para o lingüista aplicado – sobretudo aquele voltado para o ensino e a educação -, cuja validade de pesquisa irá depender mais da eficácia que da precisão da análise [...]

Rojo (2005) traz à tona a grande contribuição das teorias para a linguística aplicada ou a análise de textos, para uma nova forma de mentalidade sobre o trabalho com gêneros textuais de

forma bastante intrínseca dentro do ensino com gêneros na área de educação. A seguir, realizaremos exposição sobre os gêneros acadêmicos, objeto desta pesquisa.

2.2 Sobre os gêneros acadêmicos

A prática de leitura acadêmica pressupõe um interesse específico, definido antes do momento de contato com o texto a ser lido – o leitor acadêmico em geral procura algo específico, um conteúdo de seu interesse que costuma ser o principal agente motivador na busca pelo texto. Suas expectativas diante do texto são, portanto, bem definidas. Em geral, espera-se que o texto se atenha diretamente ao tema proposto, que este tema esteja claramente definido, que o texto apresente e mantenha uma estrutura mais rígida do que a de outros textos em geral, uma estrutura na qual a introdução, o desenvolvimento e a conclusão sejam partes bem marcadas. (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010).

Uma questão muito debatida é a maneira de se trabalhar os gêneros textuais, lembrando que eles são utilizados durante toda a vida escolar. Ao chegar à universidade, esta atividade é cada vez mais nítida e específica, por ser exigido dos alunos que sempre estejam elaborando textos de qualidade na forma de artigos científicos, resenhas, resumos, relatórios, ensaios e outros.

Segundo Dell’Isola (2008, p.3), os gêneros que circulam na academia decorrem da “demanda de conhecimentos de formas retóricas típicas de interação entre os membros da comunidade acadêmica”. Dessa maneira, produzi-los, torna-se, pois, uma habilidade exigida por professores de diferentes disciplinas no cotidiano acadêmico. O problema é que nem sempre existe um consenso por parte dos professores sobre tais gêneros. A esse respeito, Machado (2002, p.139) considera que:

O ensino de produção e compreensão de textos deve centrar-se no ensino de gêneros, sendo necessário, para isso, que se tenha, previamente, a construção de um modelo didático do gênero, que defina com clareza, tanto para o professor

quanto para o aluno, o objetivo que está sendo ensinado, guiando, assim, as intervenções didáticas.

É necessário, então, um consenso entre alunos e professores no sentido de (re)conhecimento de modelos e análises de gêneros acadêmicos. A seguir, apresentamos alguns gêneros da esfera acadêmica que se destacam por serem os mais solicitados no que se refere à produção textual.

Nesta perspectiva, é necessário que o pesquisador, estudante, profissional, professor ou aluno da graduação tenha uma boa atuação na comunidade científica. Para tanto, os recursos linguísticos exercem uma fundamental importância, pois é através desses que se evidencia a participação do indivíduo na estruturação discursiva científica. Esses recursos estão relacionados ao *saber fazer*, sendo entendidos como os modos de referência e textualização dos saberes (MATÊNCIO, 2002). A capacidade de textualizar saberes pode contribuir de maneira significativa para as práticas exigidas no cotidiano sócio-científico.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

3.1 Abordagem da pesquisa

Para a construção de possíveis respostas às nossas indagações de pesquisa, empregamos uma metodologia que se inscreve nos parâmetros da investigação qualitativa. De acordo com Minayo (1994), esta abordagem não pode pretender o alcance da verdade, a exemplo do que é certo ou errado; mas ter como preocupação primeira a compreensão da lógica que permeia a prática que se dá na realidade. Para isso, inicialmente, nossa pesquisa qualitativa de caráter descritivo no campo de gêneros textuais acadêmicos, foi realizada no 1º e 7º períodos do curso de Letras de uma instituição Federal de Ensino Superior no Campus da Cidade de Currais Novos estado do Rio Grande do Norte no ano de 2011.

No decorrer da pesquisa foram elaborados questionários com 10 questões, sendo sete subjetivas e três objetivas. Enfocando de forma geral como esses discentes elaboram esses gêneros, como eles interpretam e entendem esses gêneros. Os dados foram tabulados e analisados e serão apresentados os resultados no corpo do artigo. As questões subjetivas em forma de citação com comentários dos alunos sem identificá-los, serão representados por A1, A2, A3... separados pelos períodos. Os dados objetivos serão mostrados em forma de gráficos. A relevância de nosso trabalho é mostrar de maneira bem direta a importância dos gêneros textuais acadêmicos no contexto da graduação, em especial no curso de Letras, instigando sempre o interesse de todos os que querem se aprofundar nesse campo tão vasto de pesquisa.

3.2 O contexto e os sujeitos colaboradores

Apresentaremos uma breve síntese sobre o Curso de Letras e também o contexto dos discentes participantes da pesquisa. Vejamos o texto do Projeto Político-Pedagógico do Curso de Licenciatura em Letras do CERES – Campus de Currais Novos:

O Curso de Letras – Licenciatura Plena foi criado pelo Decreto nº 46.846 de 16 de setembro de 1959. No Campus de Currais Novos, este curso teve início no segundo semestre letivo do ano de 1978, através da Resolução nº 59/77 – CONSUNI, de 21 de dezembro de 1977.

Inicialmente, o curso oferecia a modalidade de Licenciatura Plena com três habilitações, que poderiam ser escolhidas pelo aluno que ingressava através do concurso vestibular.

Licenciatura ‘‘A’’ – Língua Portuguesa e Literatura da Língua Portuguesa

Licenciatura ‘‘B’’ – Língua Portuguesa, Língua Inglesa e respectivas Literaturas

Licenciatura ‘‘C’’ – Língua Portuguesa, Língua Francesa e respectivas Literaturas

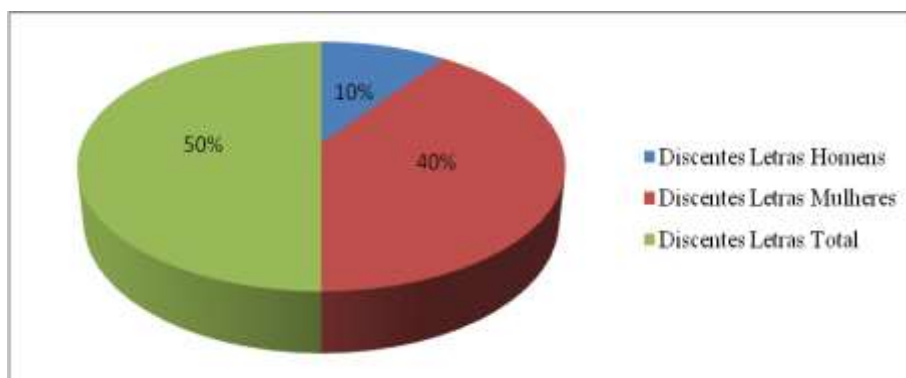
Para ingressar o aluno fazia a inscrição no vestibular sem indicar a habilitação que cursaria, tendo em vista que a escolha de uma das habilitações só ocorria no segundo período do curso.

Em 1991, o Curso de Letras do CERES – Campus de Currais Novos passou por uma fase de esvaziamento, tendo em vista o número insignificante de alunos aprovados no concurso vestibular. Esse fato, conseqüência de forma eliminatória no processo do vestibular, comprometeu a demanda existente na região do Seridó. Todavia, a UFRN, atendendo aos anseios da sociedade, introduziu novos critérios no processo seletivo e como isso o número de aprovações de candidatos tornou-se expressivo.

Somente em 1996, a partir das reivindicações dos alunos, especialmente, daqueles oriundos do Curso de Letras do Campus de Caicó que havia sido extinto restaurou-se a oferta da Licenciatura “A” – Língua Portuguesa e Literatura da Língua Portuguesa do Campus de Currais Novos. Tal fato foi proporcionado pelo aumento no número de docentes capacitados para atendimento das disciplinas obrigatórias e complementares. (PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO LICENCIATURA EM LETRAS – CERES, 2005, p. 03-04).

Face ao exposto, temos uma ideia de como começou o Curso de Letras, suas Licenciaturas Plenas e seus avanços. Agora apresentaremos o perfil dos alunos pesquisados do Curso de Letras do 1º e 7º períodos do ano de 2011. Os dados serão apresentados em forma de gráficos.

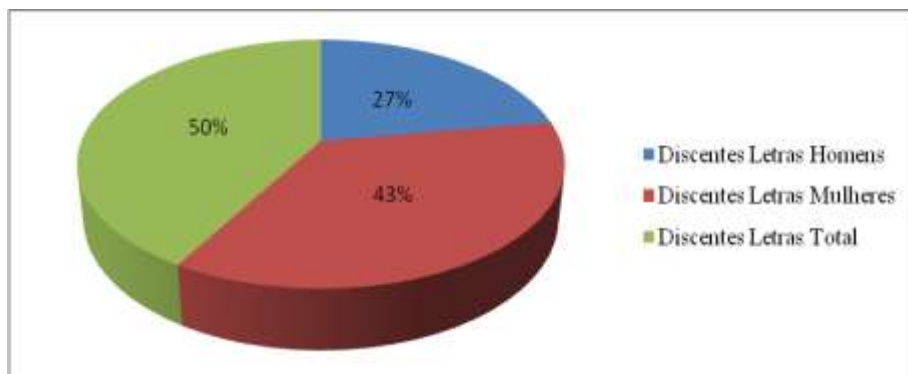
Gráfico 01 – discentes do 1º período de letras que participaram da pesquisa em 2011



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

O gráfico acima apresenta os discentes que participaram da pesquisa no 1º período do Curso de Letras, sendo 15, 12 mulheres e 3 homens.

Gráfico 02 – discentes do 7º período de letras que participaram da pesquisa em 2011



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

O gráfico acima apresenta os discentes que participaram da pesquisa no 7º período do Curso de Letras, sendo 14, 12 mulheres e 02 homens.

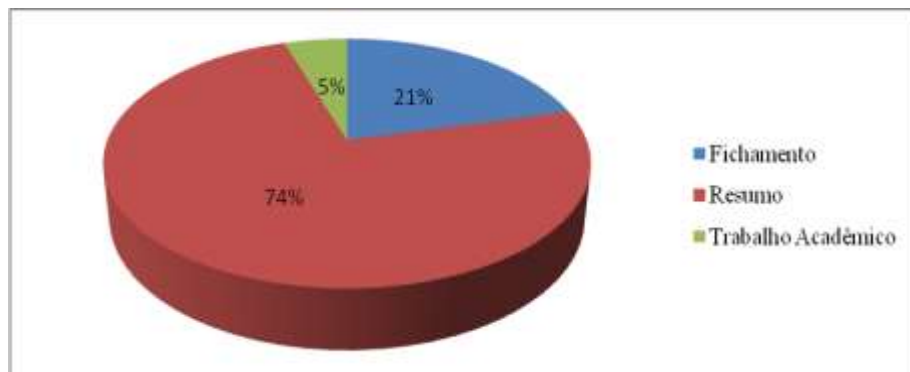
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 Sobre a produção de gêneros acadêmicos o que descrevem os discentes

Vamos aos resultados das questões 5, 6 e 7 que os discentes do 1º e do 7º períodos do Curso de Letras Responderam. Apresentaremos as respostas divididas por períodos.

Dos tipos de textos acadêmicos que você produz ou já produziu.

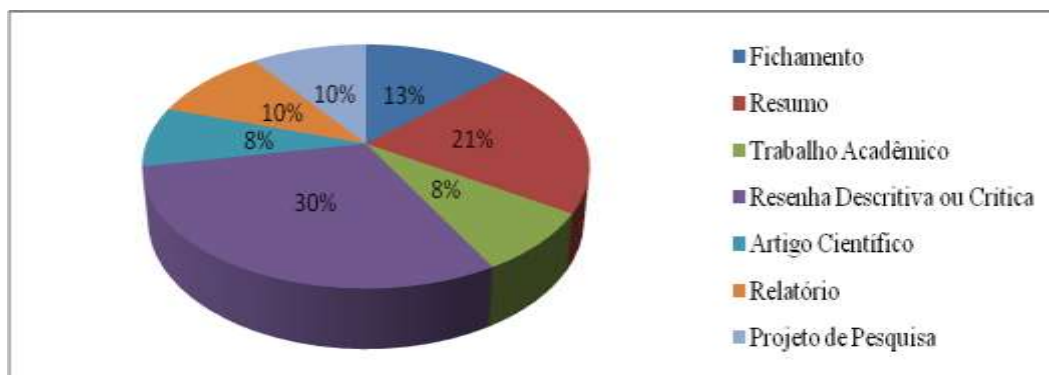
Gráfico 03 – Textos acadêmicos produzidos pelos discentes do 1º período



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Interpretando o gráfico da questão, temos o seguinte: o gênero resumo sendo o mais produzido pelos alunos com 14 respostas, sendo 74%, o gênero fichamento em segundo lugar com 04 respostas, 21% e o trabalho acadêmico mais simples ou TCC com uma resposta, 5%. Os demais gêneros, projeto, resenha, artigo e relatório não tiveram respostas. Podemos observar que a prática de resumo sempre se constituiu desde sempre nos cursos de graduação como uma das atividades mais elaboradas no decorrer das disciplinas.

Gráfico 04 – Textos acadêmicos produzidos pelos discentes do 7º período

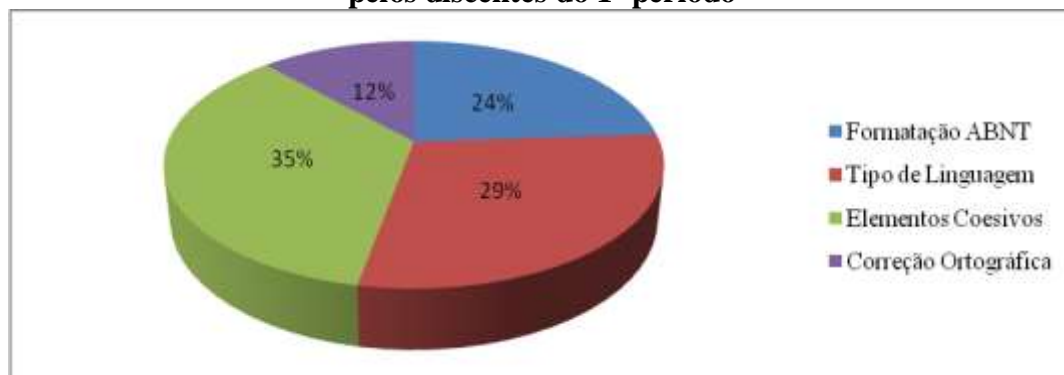


Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Aqui, destacam-se o fichamento, resumo, trabalho acadêmico mais simples ou TCC, Resenha descritiva ou crítica, artigo científico, relatório e projeto de pesquisa. O fichamento com 05 respostas, 13%, o resumo com 08, 21%, o trabalho acadêmico ou TCC, com 03, 08%, a resenha crítica ou descritiva, com 12, 30%, o artigo científico com 3, 8%, o relatório com 4, 10% e o projeto de pesquisa com 04, 10%. O gênero que teve mais respostas foi o gênero resenha com 12, 30%. Ressalte-se que tal gênero tem sido uma constante como solicitação durante o curso, o que colabora para o desempenho do futuro profissional dessa área.

Sobre a sua produção de gêneros acadêmicos, quais as dúvidas?

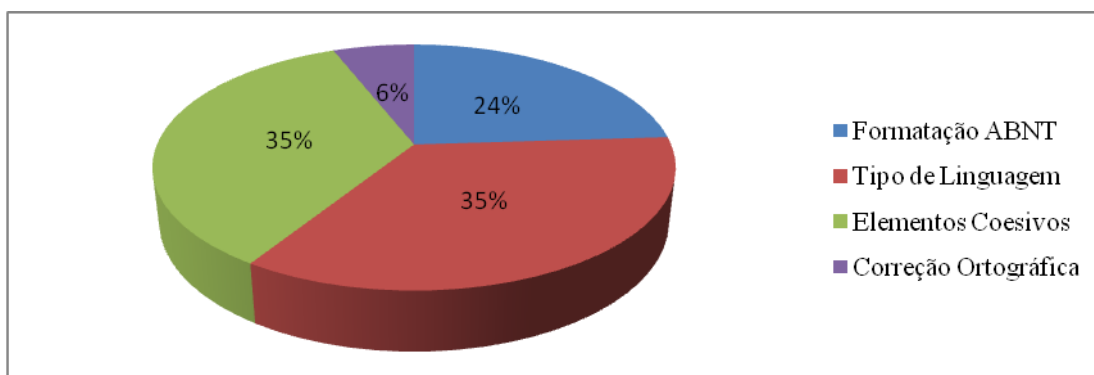
Gráfico 05 – Dúvidas na produção de gêneros acadêmicos pelos discentes do 1º período



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Sobre o gráfico acima, obtivemos os resultados: formatação nas normas da ABNT, 04 respostas, 24%, tipo de linguagem, 05 repostas, 29%, elementos coesivos, 06 respostas, 35% e Correção ortográfica 02 respostas, 12%. Portanto, observamos uma incidência na organização coesiva do texto, razão de uma questão bastante recorrente, que a utilização correta da norma culta.

Gráfico 06 – Dúvidas na produção de gêneros acadêmicos pelos discentes do 7º período

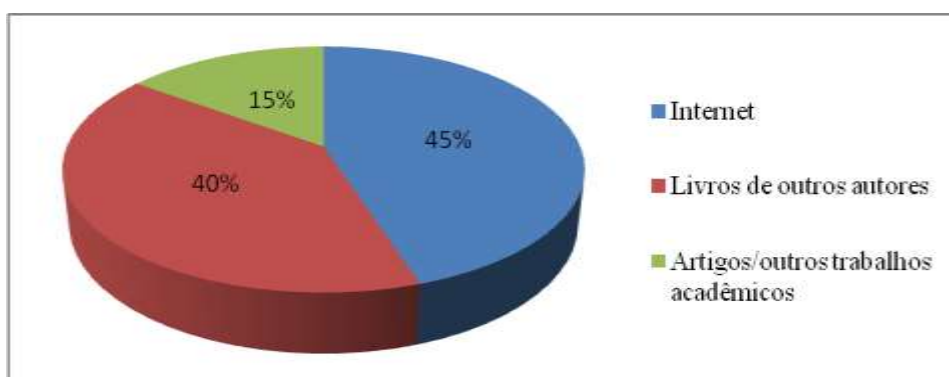


Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Já com os alunos do 7º período, na formatação nas normas da ABNT, 04 respostas, 24%, tipo de linguagem, 06 repostas, 35%, elementos coesivos, 06 respostas, 35% e Correção ortográfica 01 resposta, 06%. Aqui, observamos um empate entre os elementos coesivos e os tipos de linguagem com 35% cada um. É notória ainda a constatação de alunos em períodos mais avançados demonstrarem dificuldade na utilização dos recursos coesivos.

Que tipos de fontes você utiliza na pesquisa como base para seus trabalhos?

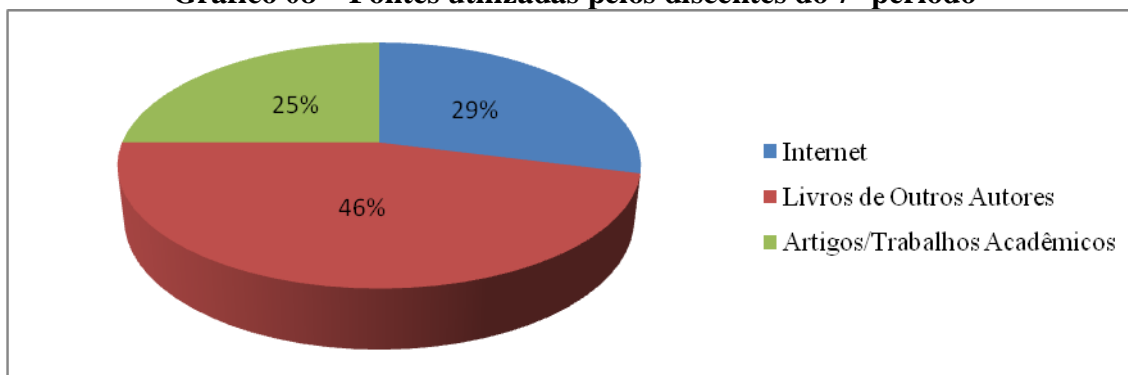
Gráfico 07 – Fontes utilizadas pelos discentes do 1º período



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Nessa questão, os alunos do 1º período responderam a Internet com 09 respostas, 45%, livros de outros autores com 08 respostas, 40% e Artigos ou outros trabalhos acadêmicos com 03 respostas, 15%. A maior fonte para a pesquisa, segundo as respostas, é a Internet, o que nos revela o caminho mais rápido para consultas.

Gráfico 08 – Fontes utilizadas pelos discentes do 7º período



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

No que se refere às respostas do 7º período, a Internet com 08 respostas, 29%, livros de outros autores com 13 respostas, 46% e Artigos ou outros trabalhos acadêmicos com 07 respostas, 25%. A maior fonte para a pesquisa segundo as respostas são os livros de outros autores, uma vez que é prática durante as disciplinas, principalmente, para apresentação de seminários e pesquisas com outros fins.

4.2 O que dizem os discentes do curso de Letras?

Passaremos para a análise das questões subjetivas dos questionários respondidos pelos alunos do 1º e 7º período do Curso de Letras.

Do ensino médio à graduação, você ainda sente dificuldade de interpretar alguns gêneros de textos?

“Sim, pois a interpretação de um texto é bem complexa e requer muitos conhecimentos.” (A15 – 1º período)

“Ainda sinto dificuldades ao interpretar textos muito complexos, havendo a necessidade de fazer várias releituras.” (A20 – 7º período)

“A dificuldade tem sido muito grande principalmente nos textos acadêmicos de graduação” (A8 – 1º período)

“Sim, uma vez que mesmo na graduação a questão da interpretação de texto ainda não apresenta muitas disciplinas.” (A18 – 7º período)

“Sim ! Pois infelizmente o nosso ensino é falho, nos que diz respeito à interpretação, pois à gramática repassada ao longo do ensino médio é de copiar e colar, os professores não nos ensina a pensar.” (A12 – 1º período)

“Sim, principalmente aqueles textos que apresentam uma linguagem mais complexas e com muitas teorias.” (A29 – 7º período)

“Sim. Porque, como os gêneros surgem de acordo com as atividade e necessidades sócio-culturais, está sempre surgindo gêneros novos e da mesma forma que surgem desaparecem.” (A2 – 1º período)

“Minhas dificuldades de interpretação vem diminuído consideravelmente à medida que vou avançando na graduação. No entanto, enfrento dificuldades ao interpretar textos que não pertencem à minha área” (A16 – 7º período)

Analisando as respostas, notamos que os discentes do 7º período, mesmo estando mais amadurecidos na graduação no ano da pesquisa em 2011, ainda sentem dificuldades de interpretar textos teóricos, sempre precisando voltar e consultar as fontes. Nesse aspecto, pelas respostas, houve um avanço muito pequeno entre discentes de períodos diferentes. Outro ponto de dificuldade é a linguagem desses textos, por apresentar frequentemente um padrão culto com léxico riquíssimo.

Cabe ressaltarmos que essas dificuldades muitas vezes são vindas do ensino fundamental e permanentes pelo ensino médio, atingindo, por fim, a educação superior. No depoimento “A16 – 7º período”, o discente descreve sobre o seu avanço gradual em atenuar as dificuldades de interpretação.

Qual a maior dificuldade que você está sentindo diante de novos tipos de gêneros textuais e de leituras teóricas na academia?

“A linguagem científica usada nos textos acadêmicos gera dúvidas para os alunos que estão iniciando.” (A6 – 1º período)

“A linguagem científica, às vezes torna o texto um pouco difícil de se compreender.” (A19 – 7º período)

“As dificuldades maiores encontradas são as leituras teóricas na academia que são mais complexas do que as do ensino médio.” (A9 – 1º período)

“A dificuldade maior é que no ensino fundamental e médio a leitura e a escrita de texto é feita de maneira escassa, acarretando a falta de conhecimentos prévios e familiaridade com diferentes tipos de gêneros textuais.” (A25 – 7º período)

“A dificuldade que estou sentindo com relação aos gêneros é na produção dos mesmos e com relação as leituras, a interpretação e assimilação das mesmas.” (A4 – 1º período)

“A minha maior dificuldade consiste em alguns gêneros que até então não tinha conhecimento.” (A29 – 7º período)

“Os textos teóricos acadêmicos, a linguagem utilizada é bastante difícil, novos vocabulários.” (A3 – 1º período)

“A dificuldade é relacionada aos textos teóricos de linguística, pois para resenha-lo ou fazer ensaio é difícil.” (A26 – 7º período)

Ao observar os relatos dos discentes, o que nos chama a atenção é o tipo de linguagem utilizada na academia e as leituras teóricas de difícil entendimento pelos alunos do 1º e do 7º períodos, reafirmando o que fora comentado anteriormente, no que tange às lacunas emergidas da educação básica quanto à leitura e interpretação textual.

Outro aspecto importante a ser notado é o fato de alguns discentes cursando o 7º período em 2011 ainda sentirem dificuldade em interpretar e compreender algumas leituras desse porte. Com base nas respostas, é evidente que existem dificuldades com a linguagem de textos acadêmicos e com as leituras teóricas, em especial para os novatos, que se deparam com uma realidade muito difícil devido à falta de base de leitura de estudos anteriores.

Essa falta de leitura faz com que eles, na Universidade, com um conhecimento menor em relação às teorias que ora lhes são apresentadas, fiquem sem saber o que são os gêneros textuais e como produzi-los e interpretá-los, ficando essa missão por parte dos docentes de ensiná-los. Outro aspecto é uma enorme dificuldade com textos da área de linguística.

Para você, o que é um gênero textual de caráter científico?

“Gênero de caráter científico é aquele que segue normas como por exemplo as normas da ABNT” (A4 – 1º período)

“É aquele gênero voltado para a esfera acadêmica, na maioria dos casos, com suas regras específicas para sua elaboração.” (A19 – 7º período)

“Para mim um gênero textual de caráter científico, é aquele que traz pesquisas científicas, com teorias e experiências, seja qual for a área.” (A6 – 1º período)

“É aquele que possui argumentos cientificamente comprovados para convencer o leitor.” (A1 – 1º período)

“É um gênero mais complexo que aborda conhecimentos específicos do meio acadêmico.” (A28 – 7º período)

Diante dos depoimentos dos alunos do 1º e 7º períodos, observamos um conceito inicial sobre o que vem ser um gênero de caráter científico. Mesmo que em períodos distintos eles já compreendem que esses gêneros circulam na academia, e que são utilizados no meio científico, sendo produzidos através de normas e que possui em sua composição uma força de argumentação muito grande.

Há uma colocação importante que não aparece nas respostas: é o conceito de gênero textual, como acontece dentro dos estudos de gêneros no campo da linguística textual, conceituação que difere, segundo Marcuschi, entre tipos de texto e gêneros de texto. Portanto, os alunos não responderam o que são gêneros textuais.

O que você entende por normatização textual na Universidade?

“Entendo que todo trabalho, aqui dirigido, tem suas regras e normas a serem cumpridas.” (A1 – 1º período)

“Entendo que são normas para elaboração de textos e trabalhos acadêmicos.” (A8 – 1º período)

“Sinceramente, é a primeira vez que ouço essa expressão, mas acredito que se trate de normas específicas para a elaboração de trabalhos especificamente acadêmicos, regulamentados pela ABNT.” (A16 – 7º período)

“Entendo que a normatização textual na Universidade corresponde a parte estrutural das produções, as regras.” (A6 – 1º período)

“Não sei dizer o que é normatização textual na Universidade. Penso eu que venha a ser algumas normas utilizadas nos diferentes tipos de gêneros textuais.” (A20 – 7º período)

“São as normas que são exigidos para a criação, com padrões acadêmico” (A11 – 1º período)

“Elaborar textos enquadrando-os nas normas da abnt, por exemplo. o relatório de estágio é um texto que deve ser produzido atendendo a certas normatizações., assim como os demais textos produzidos nessa esfera social que é a universidade.” (A27 – 7º período)

As respostas revelam que, inicialmente, alguns discentes dos dois períodos já possuem uma noção de que essa normatização textual na Universidade se refere à parte estrutural dos gêneros textuais, à sua composição, que é organizada pelas normas da ABNT. Eles já compreendem que para se produzir determinado gênero textual acadêmico é necessário seguir varias regras e normas, pois na academia tais produções seguem um padrão de elaboração (formato, margem, tipo de letra e elementos pré e pós-textuais).

Acreditamos que faltam aos discentes se aprofundarem ainda mais através de leituras das normas, modelos ou esquemas sobre certos tipos de gêneros, e praticarem mais suas produções textuais dentro das disciplinas de produção textual e outras específicas.

Você já apresentou e publicou trabalho em congressos ou eventos na área do seu curso?

“Não, porque ainda não tive a oportunidade.” (A2 – 1º período)

“Sim, como sou bolsista de Iniciação Científica (Cnpq), tenho apresentando trabalhos em eventos científicos desde 2009, dos quais, alguns foram publicados em anais de congressos, sites de divulgação científica (62ª SBPC) e capítulos de livros (no prelo). Cabe ressaltar que também nas disciplinas da graduação somos incentivados a apresentar e publicar trabalhos, embora a ênfase na divulgação seja menor e poucos graduandos se empenhem.” (A16 – 7º período)

“Não. Sou iniciante no curso de Letras.” (A3 – 1º período)

“Já apresentei trabalhos em alguns congressos, dentre eles a sbpc em 2010. neste ano, 2011 apresentarei, outros trabalhos no siget e na semana de humanidades.” (A27 – 7º período)

“Não, ainda não participei de nenhum Congresso.” (A7 – 1º período)

“Não, apenas em estudos restritos ao curso para cumprimento da disciplina.” (A29 – 7º período)

Nos depoimentos acima, temos opiniões divididas entre alunos do 1º período. Como estavam iniciando o curso em 2011, ainda não tiveram oportunidade de apresentar trabalhos em eventos acadêmicos ou até mesmo de publicarem algum. Por outro lado, houve alunos do 7º período que apresentaram trabalhos em eventos de cunho acadêmico, sendo isso um incentivo por parte da academia para que esses discentes cresçam na própria formação que irão atuar.

Um ponto pertinente sobre esses depoimentos que devemos frisar é o valor positivo desses eventos nos quais os graduandos têm a oportunidade de apresentarem suas produções científicas, contribuindo para a sua formação acadêmica.

Para os iniciantes que estavam em 2011, o fato de estarem no 1º período não impede que comecem a produzir com vistas à publicação, pois, pelos depoimentos, observamos que há incentivos dos professores, em especial das disciplinas de produção de textos do Curso de Letras.

Já leu algum texto produzido por outra pessoa como um artigo ou uma resenha, por exemplo?

“Sim. Na minha concepção, um artigo elaborado com coesão, uma linguagem adequada é de grande valia ao graduando.” (A12 – 1º período)

“Constantemente, essa é uma prática corriqueira, tanto nas disciplinas quanto na pesquisa com a qual colaboro. É mais comum a leitura de artigos, porque empregamos esses textos como bases teóricas de nossas produções.” (A16 – 7º período)

As assertivas oriundas do questionamento acima demonstram diretamente a importância de gêneros textuais produzidos por outros autores que pesquisam nas diversas áreas do campo de estudos da linguagem ou das literaturas. Esses textos, por sua vez, servem de suporte teórico na formação do futuro pesquisador Licenciado em Letras, e que também acabam sendo utilizados como fonte de citação em outras escritas realizadas pelos Licenciandos.

A título de exemplos temos: artigos científicos, resumos, resenhas e outros. É pertinente à própria academia, e em especial ao Curso de Letras, continuar sempre valorizando as produções

de outros autores, pois esses textos acabam sendo utilizados nas leituras das disciplinas, nas quais os alunos tem o contato através de leituras e releituras.

De modo geral, como você ver essa nova realidade vivenciada na graduação por meio desses novos tipos de gêneros textuais acadêmicos, de novas leituras teórico-didáticas e quais as contribuições que esses gêneros podem trazer para a sua formação como pessoa e como estudante? Diante das suas leituras á realizadas, você analisaria um texto teórico de qualquer autor?

“Vejo a Vida acadêmica como ‘’ uma outra vivência, totalmente diferente das outras experienciadas. Acredito que os novos Gêneros textuais irá contribuir de maneira bastante significativa para a minha formação profissional, especialmente. Porém, ainda não me considero capaz de analisar textos teóricos de qualquer autor, Visto que, muitos deles usam uma linguagem de difícil compreensão.” (A3 – 1º período)

“Ao chegar na Universidade senti extrema dificuldade em entender os Textos Teóricos. Com o passar do tempo, passiu a entender os textos. Acho que era falta de prática. Hoje, já quase concluindo consigo sim, interpretar e analisar textos teóricos de qualquer autor desde que esteja escrito na língua portuguesa.” (A17 – 7º período)

“Estou passando por muitas dificuldades, mais acredito que no final do curso estarei com um bom desempenho. Acredito que as contribuições são muitas, principalmente na vida proficional como futuro professor que quero ser. Acho que no momento ainda não sou capaz de analisar qualquer tipo de texto.” (A5 – 1º período)

“Eu encaro essa nova realidade de uma forma positiva, tendo em vista que todos os textos que eu li ou escrevi contribuíram e contribuirão para a minha formação enquanto aluna e pessoa à medida que reforça minha visão crítica diante dos fatos e acontecimentos que surgem no meio a qual estou inserida.

Acredito que depois de ter feito tantas leituras, durante esses anos acadêmicos, eu analisaria um texto teórico de qualquer autor.” (A19 – 7º período)

“As novas leituras teórico-didáticas ajudam muito nas nossas produções acadêmicas, pois aumenta o nosso contato e conhecimento acerca dos conteúdos científicos.” (A6 – 1º período)

“Todas as leituras feitas durante a graduação foram de fundamental importância para a minha formação como pessoa e minha vida estudantil, vou sair da universidade com um bom índice de conhecimentos. Não, pois com o passar dos anos ficou perceptível os teóricos aos quais considero que realmente tenham um bom desempenho e uma teoria a ser reconhecida como a bem elaborada e que venha a ser analisada.” (A20 – 7º período)

“Diante dos gêneros, que analisei até o momento, são gêneros, bem teóricos que eu não estava acostumada a lidar, mas que trarão grandes contribuições para a

minha vida profissional. Sim analisária, pois me sinto mais segura para a análise.” (A7 – 1º período)

“A meu ver esses novos tipos de gêneros textuais acadêmicos são de suma importância para os graduandos porque os tornará cada vez mais críticos, capazes de analisar textos teóricos de qualquer autor.” (A24 – 7º período)

A pergunta em voga é típica de um fecho de entrevista. Nosso intuito aqui é verificar uma opinião geral de cada discente entrevistado sobre sua vivência acadêmica, bem como a análise de textos teóricos. Os discentes comentam a importância desses gêneros textuais através das leituras dos textos teóricos e até na construção deles, seu conhecimento linguístico é aprofundado. Pelos dizeres dos discentes, é notória a vontade de buscar sempre um aprofundamento nos conhecimentos teóricos e compreender de forma responsiva como se constitui a voz do autor no texto científico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos nos depoimentos dos discentes do 1º e 7º períodos, nas questões subjetivas, respostas que já eram esperadas, que há uma grande dificuldade na interpretação desses textos na academia devido à falta de base de leitura nas séries anteriores, em especial no ensino médio, e que esses alunos chegaram ao Curso de Letras praticamente sem conhecer certos tipos de gêneros textuais em nível acadêmico.

Outro ponto importante que temos que frisar é a questão das leituras teóricas que também perpassam a interpretação textual, visto que alguns discentes sentem uma grande dificuldade em compreender esses textos teóricos, por se constituir em uma nova dinâmica para esses discentes. Sobre a linguagem que, por sua vez, na academia, é científica, o que requer a utilização da norma culta, acaba provocando obstáculo na interpretação e elaboração de gêneros acadêmicos.

Encontramos avanços importantes, pois há também certa evolução na compreensão e recepção desses gêneros pelos discentes do 7º período que, por sua vez, contribui de maneira significativa para que ambos cresçam na produção textual, no conhecimento teórico e também na sua formação como futuros professores de Língua Materna. Já os discentes do 1º período

demonstram interesse em crescer, tanto teoricamente, nas suas produções de textos e também na formação acadêmica, em conhecer novos gêneros textuais.

Nas questões objetivas observamos respostas instigantes. Dentre os gêneros textuais acadêmicos mais produzidos destacaram-se o resumo e a resenha, o que nos faz inferir que são gêneros solicitados com frequência no Curso de Letras.

Esperamos que este artigo possa contribuir de forma satisfatória para que se façam reflexões sobre como está sendo feito o trabalho com Gêneros textuais acadêmicos no Curso de Letras do CERES/DSCH/UFRN e que, ao ensinarem os conhecimentos teóricos das disciplinas aos discentes, em especial no componente curricular de Leitura e Produção de Texto, os professores possam refletir que as dificuldades de leitura e interpretação textual por parte de alguns discentes é uma constante na esfera acadêmica.

6 REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. **Como preparar trabalhos para curso de pós-graduação: noções práticas.** São Paulo: Atlas, 1995.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724:** informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

_____. **NBR 6022.** Informação e documentação: Artigo em publicação periódica científica impressa: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6028.** Informação e documentação: resumo: Apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 10520:** informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6023:** referências – elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal.** 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306

DELL'ISOLA, R. L. P. **Dos limites entre o instável em texto de divulgação científica.** In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ANÁLISE DO DISCURSO, 3, 2008, Belo Horizonte. Anais do III Simpósio Internacional de Análise do Discurso. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2006.

MACHADO, A. R. (Coord.). **Resumo**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Resenha**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MACHADO, A. R. **Revisitando o conceito de resumos**. In: DIONISIO, Ângela Paiva et al. (Org.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MATÊNCIO, M. de. L. M **Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas**: um estudo do resumo. Scripta. Belo Horizonte, v. 6, n. 11, 2002.

MEDEIROS, J. B. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 11. ed. São Paulo: atlas, 2009.

MINAYO, M. C. de S. *et al.* (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, R. G. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NASCIMENTO, M. H. de M. e. **Produção textual na esfera acadêmica**: descrevendo um projeto de melhoria da qualidade do ensino no Centro de Ensino Superior do Seridó. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia). Caicó: UFRN/CERES/DEDUC, 2010.

PLATÃO, F. S.; FIORIN, J. L. **Para entender o texto**: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1990.

PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO LICENCIATURA EM LETRAS - CERES. Currais Novos: Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Centro de Ensino Superior do Seridó/Campus de Currais Novos/Coordenação do Curso de Letras, 2005.

ROJO, R. **Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: Questões Teóricas e Aplicadas**. In: MEURER, J. L. ;BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 184-207.

THEREZ ZO, G. P. **O resumo como prática de leitura e de produção de texto**. R. LETRAS, PUC-Campinas, v. 20, n.1, 2001.